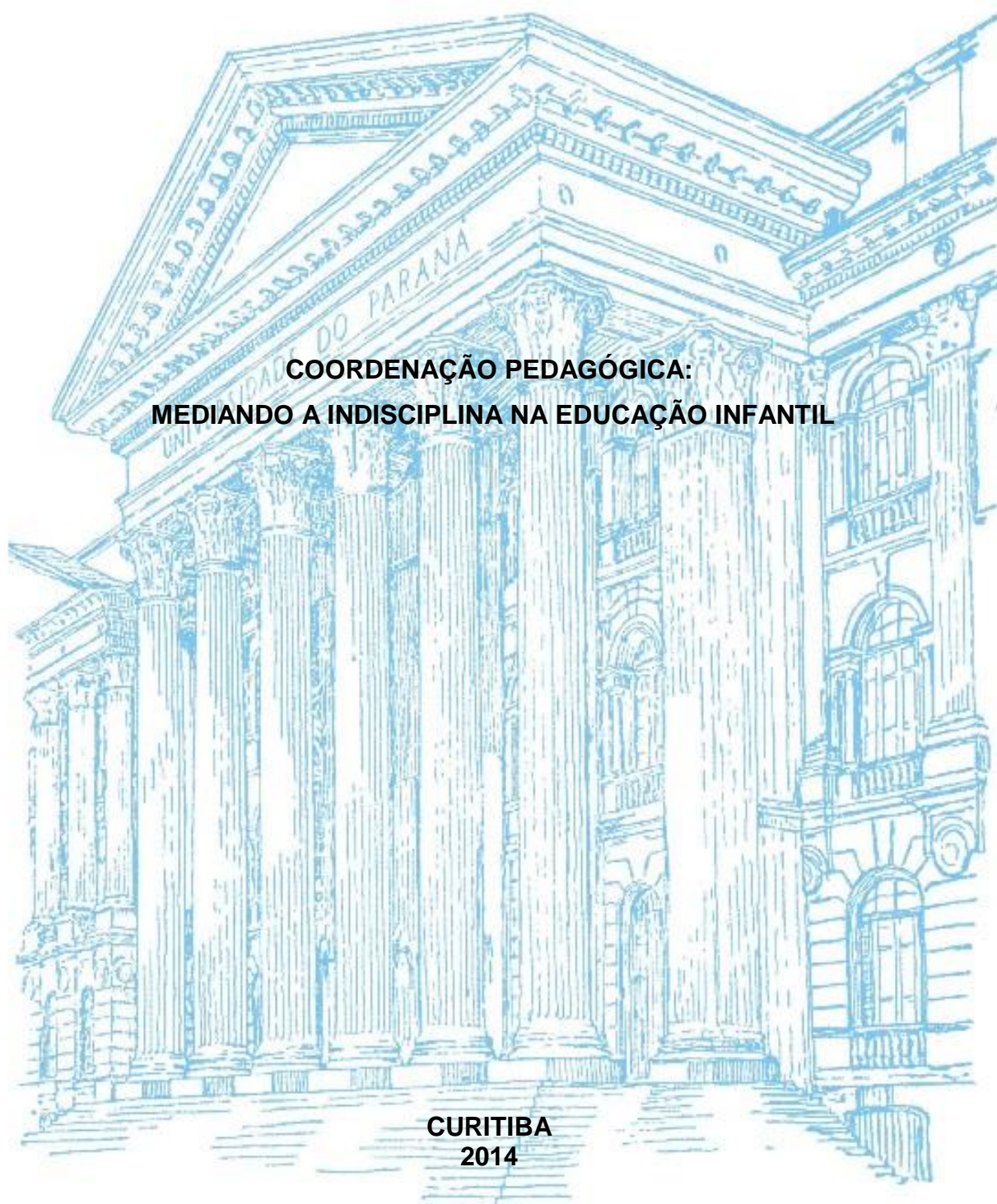


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

LUCINDA APARECIDA DEOLDOTO

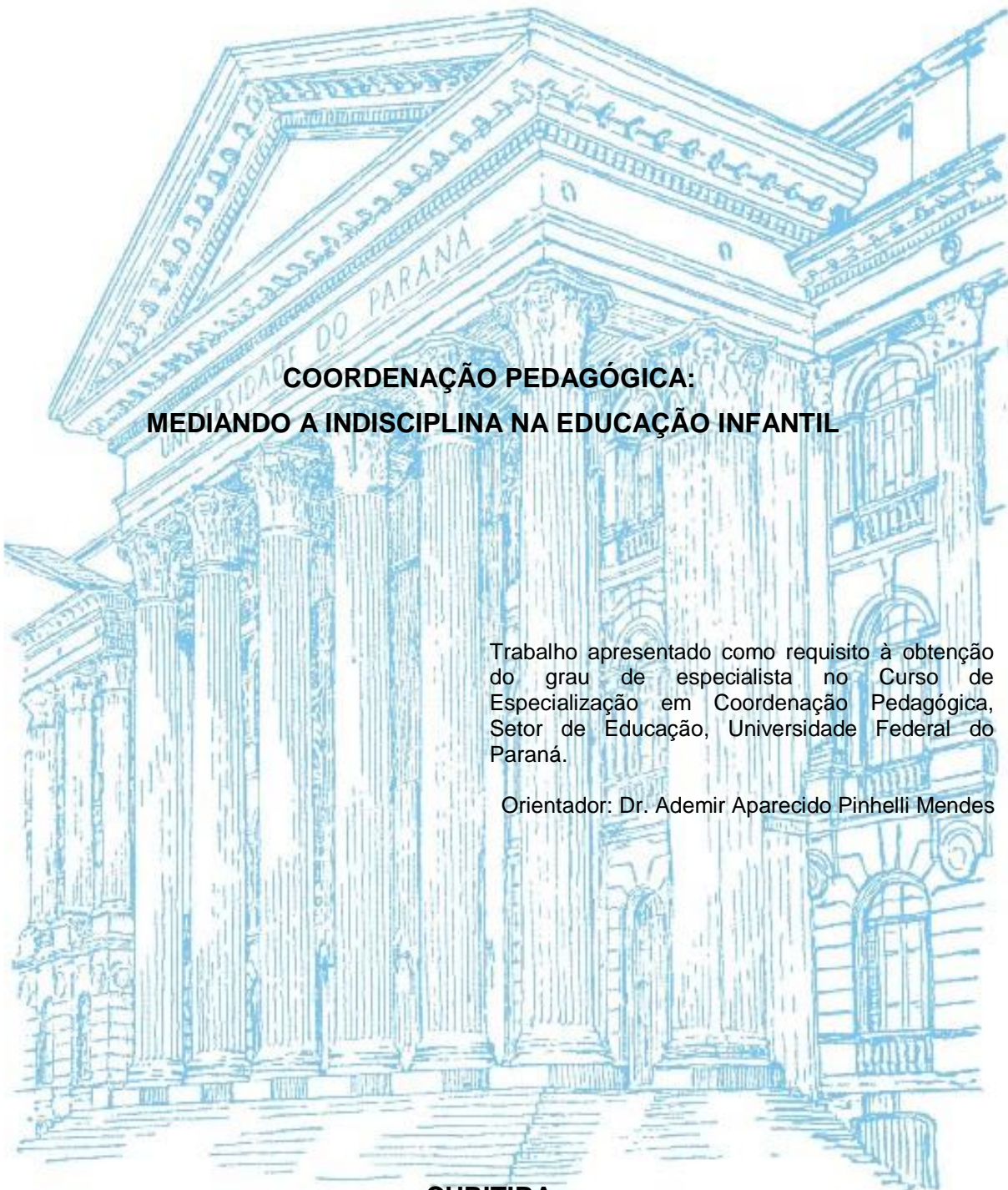
**COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA:
MEDIANDO A INDISCIPLINA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**



CURITIBA
2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

LUCINDA APARECIDA DEOLDOTO



COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA:
MEDIANDO A INDISCIPLINA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho apresentado como requisito à obtenção do grau de especialista no Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Dr. Ademir Aparecido Pinhelli Mendes

CURITIBA
2014

COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA: MEDIANDO A INDISCIPLINA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Autora: DEOLDOTO, Lucinda Aparecida¹

Orientador: PINHELLI MENDES, Ademir Aparecido²

RESUMO: A indisciplina tem causado um desafio para os docentes, sendo um obstáculo para o desenvolvimento do trabalho pedagógico na sala de aula. As crianças demonstram falta de limites e ausência de regras. Investiga-se são resultados da maneira com que os pais têm educado as crianças. Pais muito tolerantes, ausentes, faz com que a criança chegue à escola e não queira obedecer. O coordenador pedagógico e os docentes precisam se dedicar a reflexão, tomar uma postura juntos para encontrarem uma solução para tal problema. Dessa forma, a presente pesquisa traz como tema: A coordenação pedagógica: mediando a indisciplina na educação infantil. Nela, objetiva-se verificar as possíveis causas da indisciplina na educação infantil. Para tanto, optou-se pela pesquisa documental e bibliográfica, baseando em autores como Aquino (1996), Vasconcelos (2002-2004) e Wallon (1968-1971), os quais fundamentarão este artigo, abordando a questão da indisciplina, com ênfase na educação infantil.

PALAVRAS- CHAVE: Aluno; Coordenador Pedagógico; Indisciplina; Professor.

ABSTRACT: The indiscipline has caused a challenge for teachers, being an obstacle for the development of pedagogical work in the classroom. The children demonstrate lack of limits, absence of rules, which investigates are resulting from the way in which the parents have educated children. Parents very tolerant, missing, makes a child arrives at the school and do not want to obey. The pedagogical coordinator and the teachers need to focus on reflection, take a posture together to find a solution to this problem, being that this research brings the theme: The pedagogical coordination: mediating the indiscipline in early childhood education, aiming to verify the possible causes of indiscipline in early childhood education, through documentary research and bibliographic, based on authors as Aquinas (1996), Vasconcelos (2002-2004) and Wallon (1968-71), which sustain this article, addressing the question of discipline, with emphasis on early childhood education.

KEYWORD: Student; Pedagogical Coordinator; Disruptive behavior; Teacher.

INTRODUÇÃO

O objeto deste estudo é a indisciplina na educação infantil. A pesquisa é de caráter empírico e bibliográfico. De acordo com Lakatos e Marconi (1999), a pesquisa bibliográfica é aquela em que o estudo refere-se a um determinado tema já

¹ Pedagoga formada pela FAFIMAN, (Mandaguari- Pr). Especialista em: Administração, Supervisão e Orientação Escolar, pela UNIVALE. (Ivaiporã- Pr); Docência no Ensino Superior, pelo Centro Universitário Barão de Mauá, (Ribeirão Preto-S.P.) e em Tutoria à Distância, pela Faculdade Eficaz (Maringá-Pr.) e cursando especialização em Coordenação Pedagógica pela Universidade Federal do Paraná (UFPR).

² Professor doutor em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná.

se tornou pública, por meio de publicações em livros, revistas, jornais, monografias, teses, entre outros, tendo como objetivo colocar o pesquisador em contato com o que já foi publicado.

Este trabalho teve como objetivo investigar as possíveis causas da indisciplina na educação infantil assim como analisar a atuação do professor a partir da formação recebida e a importância da ação da família juntamente com a escola.

Tem como objetivo investigar papel mediador do coordenador pedagógico frente as situações de indisciplina na educação infantil.

Para isso fez-se necessário estabelecer os seguintes objetivos específicos:

- a) analisar a atuação do professor da educação a partir da formação recebida;
- b) investigar a importância da ação da família e da escola junto a criança da educação infantil,
- c) discutir estratégias de mediação do coordenador pedagógico junto aos professores frente as situações de indisciplina na educação infantil.

O tema desta pesquisa é relevante, pois a indisciplina na educação infantil tem sido assunto permanente entre os profissionais da educação, por isso a importância de subsidiá-los com informações sobre o tema, aqueles que usufruírem desta leitura.

Constitui-se como problemática de pesquisa: *Como o coordenador pedagógico da educação infantil pode mediar o trabalho em sala de aula frente a indisciplina, sem interferir no trabalho docente?*

Nossa hipótese é a de que o coordenador pedagógico deve atuar como mediador junto ao professor, sem interferir ou realizar o trabalho docente.

A abordagem que melhor se encaixa neste trabalho é a qualitativa, ou seja, aquela que: “preocupa-se em analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano. Fornece análise mais detalhada sobre as investigações, hábitos, atitudes, tendências de comportamento etc” (MARCONI E LAKATOS, 2006, p. 269).

Abordagem metodológica da pesquisa é a análise documental, que segundo Tozoni-Reis, (2010), trata-se de uma pesquisa realizada em documentos, os quais tenham significado para a organização da educação.

Para tanto, foram analisados relatórios e atas de dois alunos, na faixa etária de 3 e 4 anos de um centro de educação infantil, de período integral.

Sendo assim, objetiva estudar as implicações da indisciplina na educação infantil, salientando as atitudes e o comportamento dos envolvidos: alunos, professores e coordenador pedagógico. Afinal, *como a coordenador pedagógico pode colaborar com o docente para sanar a indisciplina na sala de aula?*

1 O QUE É INDISCIPLINA?

De acordo com o dicionário escolar da língua portuguesa, indisciplina quer dizer: “desobediência, desordem, rebelião” (BUENO, 1984, p.598).

Complementando, “o conceito de disciplina vai estar fortemente associado à noção de controle sobre a conduta, contado com diversos aparatos tais como avaliação educacional” (DAMKE 2006, p.1).

De acordo com Freitas (2007), a indisciplina pode ser uma forma do aluno se mostrar que ele existe, tem apenas a intenção de ser ouvido por alguém. Pode ser uma maneira do aluno querer que transpareça que algo não vai bem. Sendo assim, uma das causas da indisciplina pode estar no âmbito pessoal, familiar ou escolar. Neste caso, a indisciplina pode ser uma fase da vida da criança. É importante, conhecer a causa da indisciplina, saber a origem, este é o primeiro passo para sanar o problema.

O aluno, o qual chamaremos de aluno 01, tem 03 anos, era considerado indisciplinado, mostrava-se agressivo³. Nos relatos das atas e dos relatórios da pasta do aluno, diz que o aluno estava brincando com os brinquedos na sala e de repente se levantava, se aproximava de outra criança, tomava seu brinquedo, ou batia na criança com o brinquedo que tinha na mão, às vezes até o agredia, com tapas e chutes. A professora ao chamar sua atenção, ele a chutava, mordida. Depois sentava no canto e chorava por vários minutos. Depois se levantava e repetia as atitudes. O aluno também jogava os materiais da professora no chão, puxava as cortinas da sala, abria e batia as portas do armário. Por várias vezes, foi levado até a sala da orientação e até mesmo a sala da direção, no intuito de alguém acalmá-lo, porém, ele jogava o que via pelo chão, xingava com palavrões, dizia que ia matar e começava a se arranhar.

³ Documento do C.M.E.I. do aluno 01.

“Um aluno indisciplinado seria não somente aquele cujas ações rompem com as regras da escola, mas também aquele que não está desenvolvendo suas próprias possibilidades cognitivas, atitudinais e morais” (GARCIA, 2008, p. 371). É preciso diferenciar o aluno indisciplinado do aluno participativo. Falar e andar pela sala nem sempre são atitudes indisciplinadas, elas podem ser atitudes participativas, importantes para o processo socialização e de ensino-aprendizagem do aluno.

A criança que questiona, pergunta e se movimenta em sala de aula, não pode ser considerada indisciplinada, porque na construção do conhecimento, a criança precisa buscar as alternativas para encontrar o melhor caminho para aprender. Agora, aquele aluno que não tem limites, não respeita a opinião e os sentimentos dos colegas, esse sim, é um aluno que pode ser considerado indisciplinado (VERGÉS 2003, p. 32).

De acordo com Vasconcellos (2004), o aumento da oferta do número de vagas nas escolas; o material didático usado, a formação dos profissionais, tem sido fatores que geram indisciplina escolar. Podendo citar ainda a falta de espaço na escola para os alunos brincarem, os alunos ficam muito tempo presos na sala de aula, podendo resultar em indisciplina, uma vez que os alunos são detentores de muita energia e precisam gastá-la.

O índice da indisciplina nas escolas tem aumentado gradativamente, sendo resultado de uma sociedade na qual os valores sofrem mudanças. Amor, respeito e valorização do outro deixam de ter importância. Segundo Aquino (2003), é possível ressaltar que a indisciplina não é algo apenas resultante do meio sociocultural ou econômico, ela é fruto da falta de afetividade e do resgate de valores. Ou seja, são vários fatores que propiciam as atitudes indisciplinadas dos alunos.

Além de a indisciplina causar danos ao professor e ao processo ensino-aprendizagem, o aluno também é prejudicado pelo seu próprio comportamento: ele não aproveitará que se nada dos conteúdos ministrados durante as aulas, pois o barulho e a movimentação impedem qualquer trabalho reprodutivo (OLIVEIRA 2005, p.21).

A indisciplina, atitude de um ou alguns alunos, pode gerar prejuízos não só para os alunos indisciplinados, mas para todos aqueles que estão inseridos no ambiente escolar. Porém, nem sempre a indisciplina pode estar focada somente no aluno. Ela pode ser resultante da condução do processo escolar.

A indisciplina parece ser uma resposta clara ao abandono à habilidade as funções docentes em sala de aula, porque é só a partir do seu papel evidenciado corretamente na ação em sala de aula que os alunos podem ter clareza quanto ao seu próprio papel, complementar ao do professor (AQUINO, 1998, p.8).

Sem abster-se de fatores externos que influenciam nas atitudes de indisciplina, é preciso considerar que tais manifestações podem ser decorrentes do descontentamento por parte dos alunos, por não entenderem o que a escola espera deles, devido à falta de clareza das regras ou a imposição das mesmas. Segundo Aquino (1996), também pode ser considerado um problema gerador da indisciplina, a atitude rígida do professor, sua demonstração de autoridade. Percebe-se que o trabalho precisa acontecer de forma cooperativa e colaborativa, ou seja, nos princípios de reciprocidade.

1.1 Indisciplina na Educação Infantil

Situações de indisciplina são encontradas no início da escolarização, na educação infantil. “Algumas crianças desde que começam a frequentar a escola, já demonstram algum tipo de indisciplina” (VERGÉS 2003, p. 19). Sendo a indisciplina uma grande preocupação dos educadores desta etapa de ensino.

A maneira com que a criança é educada reflete em seu comportamento ao chegar à escola. Ao iniciar na educação infantil a criança tende a apresentar os mesmos comportamentos que tem em casa. Ela será uma criança que apresentará uma convivência agradável com os colegas e com as demais pessoas da escola, com vínculo de respeito, de obediência, de cooperação, de simpatia, se assim for o seu comportamento em casa. Caso contrário, fará birras, brigará com os colegas, não irá realizar as atividades que se pede, responderá mal para a professora, sendo portanto, uma criança egocêntrica.

“[...] as crianças de hoje em dia não têm limites, não reconhecem a autoridade, não respeitam as regras, a responsabilidade por isso é dos pais, que teriam se tornado muitos permissivos” (AQUINO, 1998, p.7). De acordo com Vêrges (2003), o comportamento da criança depende da vivência familiar, dos costumes, da crença e da cultura na qual ela está inserida.

As crianças podem ser mimadas, mas paralelo a isso precisam de regras, normas, valores, limites e princípios para nortear a sua vida. A função dos pais é criar pessoas que respeitem os outros e se façam respeitar, pois se tratam de condições básicas para a relação afetiva com as pessoas que a cerca e também é elemento fundamental para o êxito profissional, quando adultos. “A força dos pais está em transmitir aos filhos a diferença entre o que é aceitável ou não, adequado ou não, entre o que é essencial e supérfluo e assim por diante” (IÇAMI TIBA, 1996, p. 22).

As crianças precisam ouvir “não”, pois caso contrário, exigirão a sua satisfação pessoal sempre. São crianças e serão futuros adultos egoístas, com postura arrogante, agressiva. Mas, internamente são pessoas fracas, são pouco criativos, podendo ainda apresentar problemas para interagir, o que pode causar problemas na vida profissional, por não terem sido preparados para assumir responsabilidades.

As famílias, com sua importante função na educação dos filhos, não se sentem em condições de trabalhar limites com os filhos, ou por não saber como orientá-los, ou por não querer educá-los como fora antigamente por seus pais. Muitos acabam permitindo tudo, sem regras ou combinações, deixando as crianças a sua própria vontade (FELIPE, 2004, p. 29).

A indisciplina está presente na sala de aula e é comum procurar o culpado. São crianças que não tem limites, pais que não impõem regras e professores que não conseguem manter a disciplina. Porém o mais importante é detectar as causas.

A ausência de limites, instituídas na educação familiar por pais demasiadamente tolerantes, fecunda consequências desastrosas, produzindo crianças indisciplinadas, extremamente agressivas, insolentes, rebeldes, por conseguinte vivem sempre em conflitos internos, demonstram insegurança em tudo que realizam, crescem ampliando paralelamente sentimentos nada plausíveis, como o egoísmo e a intolerância, pois estão sempre convictos de que as pessoas que os rodeiam, que mantem contato independentemente de que seja sua mãe ou não, estarão a sua disposição para satisfazer suas necessidades (SANTOS, 2002, p. 46).

Pais muito permissivos, não são saudáveis para as crianças, pois elas precisam da presença de uma autoridade, porém, não trata de autoritarismo e sim uma pessoa que ensine a criança a ser educada e disciplinada. A criança aprende por imitação. O bom exemplo é essencial para que a criança se desenvolva. “Aquilo

que é zona de desenvolvimento proximal hoje será o nível de desenvolvimento real amanhã – ou seja, aquilo que uma criança pode fazer com assistência hoje, ela será capaz de fazer sozinha amanhã” (VIGOTSKY, 1984, p. 98).

Um fator que interfere no comportamento das crianças na escola é a ausência dos pais. É comum os pais trabalharem e as crianças passarem a maior parte do tempo com outras pessoas, com avós, tios, babás ou até mesmo estudar em período integral na escola.

Se por um lado as conquistas no âmbito do trabalho promoveram uma maior inserção da mulher em diferentes segmentos da sociedade, por outro, essa mesma conquista roubou a possibilidade de controle de seu tempo, sobretudo no que se refere à dedicação aos filhos e ao desempenho da função educativa dentro da família (ORSI, 2003, p.2).

Não há mais o modelo de família de algum tempo atrás: onde o pai trabalhava e a mãe dedicava-se aos filhos. Mas apesar do contexto familiar ter se diferenciado, onde a criança às vezes mora somente com mãe, às vezes com outros familiares. Cabe aos pais, ou responsáveis, encontrar tempo para acompanhar a vida escolar de seus filhos. “[...] é muito comum ouvirmos dos professores a queixa de que os pais não estabelecem limites, não educam seus filhos com princípios básicos como saber se comportar respeitar os outros, não saber esperar sua vez, etc.” (VASCONCELOS 2009, p.240). Pais e escola precisam caminhar juntos, para o bom desenvolvimento da criança.

No relatório⁴ do aluno 02, percebe-se a fragilidade da atual estrutura familiar. Trata-se de uma criança de 04 anos que não realizava as atividades, às vezes rasgava, rabiscava. Não parava sentado, andava pela sala o tempo todo, fugia da sala, corria pelo refeitório, entrava debaixo das mesas e ao ser chamado não saía. Corria para o pátio e para o parque. Ia até o portão tentando fugir. Gostava de imitar bichos, principalmente leão. Os pais foram chamados no C.M.E.I., somente a mãe compareceu. Uma mulher de 21 anos de idade. Disse que havia se separado do pai. Que o pai pegava a criança no final de semana e que às vezes ela precisa ligar para ele ir buscar a criança, pois nem sempre ele ia. Em casa a criança apresentava o mesmo comportamento e que ela não sabia o que fazer. Em outro relatório, consta que a criança começou a fazer comentários para a professora que viu sua mãe

⁴ Documentos do C.M.E.I. aluno 2.

beijando outra mulher, uma amiga dela. Que havia apanhado da mãe, ficado no quarto escuro de castigo e que seu pai tinha uma namorada. Que ninguém gostava dele. O pai foi chamado para uma conversa com a psicóloga. Ele disse que sua ex-esposa saía de casa e voltava de madrugada, que nestas ocasiões ele cuidava do filho. Que havia saído de casa após uma briga por ter descoberto que ela estava traindo, que sua ex-esposa estava tendo um relacionamento com uma mulher. Que ele levava o menino todos os finais de semana para a casa de sua mãe, onde estava morando. Que deixava o filho com sua mãe para namorar, pois estava em um novo relacionamento. Relatou que sua namorada tem uma filha e que às vezes saem os três, mas o seu filho ele não levava porque era muito bagunceiro. E que a culpa do comportamento do filho era de sua ex-esposa.

O comportamento das crianças também pode ser reflexo do mundo globalizado, que traz as informações em tempo real, permitindo que as crianças estejam em contato com cenas de violência acontecendo em lugares diferenciados. Vale lembrar que às vezes a violência está presente dentro do próprio ambiente familiar, como exemplo a destituição dos casais. A criança traz para a escola o que presencia em casa e a escola não pode ignorar. Com isso a criança tende a apresentar um comportamento agressivo com os colegas e com os adultos que a cerca.

Ações indisciplinadas na escola são traduzidas em comportamentos como: empurrar e bater nos colegas, destruir ou pegar seus materiais e trabalhos, sair dos seus lugares e da sala de aula com frequência e sem permissão, pedir para ir toda hora ao banheiro, conversar muito durante as explicações do professor, dispersão ou negação em participar das atividades. Tais atitudes acima citadas não violam as normas legais da sociedade, caracterizam-se por atos que afetam a vida das escolas, mas estão longe de serem consideradas ações delinquentes e/ou patológicas (TIBA, 1996, p.178).

Outro fator que interfere no comportamento dos alunos na sala de aula, é quando o professor ou os pais são autoritários em excesso, quando as regras são rígidas demais, causando uma revolta por parte do aluno. Repreender não educa. As causas que originam o problema da indisciplina originados pelo meio familiar, não podem ser resolvidos ou modificados pela escola, mas ela pode apresentar ao educando momento de diálogo, baseado em situações de conversas amigáveis que contribuam para que a criança se sinta melhor emocionalmente.

“Independentemente de como a família é constituída, esta é uma instituição fundamental da sociedade, pois é nela que se espera que ocorra o processo de

socialização primária, onde ocorrerá a formação de valores” (VALADÃO; SANTOS, 1997, p. 22), por isso desde pequena a criança precisa receber limite, senão situações que fogem as regras da escola podem surgir. Na educação infantil, as crianças ainda estão desenvolvendo os processos: cognitivo, social e moral e rotular um aluno como indisciplinado pode ser uma atitude precoce. Nem toda bagunça realizada pelos alunos da educação infantil deve ser caracterizada como indisciplina, algumas atitudes são inerentes a faixa etária, por isso é importante estabelecer os combinados junto com as crianças, a tendência que os sigam será bem maior, provocando a mudança de atitude dos alunos, esse seria um processo de prevenção. Profissionais da educação envolvidos nesta etapa da vida da criança, precisam ajudar os alunos no desenvolvimento da convivência social. Na educação infantil a criança está na fase de brincar, sendo esta uma atividade essencial para o desenvolvimento da criança, nos seus primeiros anos de aprendizado na escola.

A pré-escola, nesse caso, é um recurso benéfico, enquanto se propõe a ser um ambiente intermediário, entre o lar e a escola, no período de vida em que a personalidade começa a se formar. Cabe ao professor proporcionar um ambiente agradável que facilite a adaptação da criança, nesse primeiro contato com a escola, demonstrando que gosta dela e se interessa por ela, uma vez que a transição dá um impacto muito grande e, por isso mesmo, exigirá, tanto do professor como dos pais, grande compreensão e paciência (BORGES 1987, p.3).

A criança começa a integrar-se ao mundo social, através do processo de socialização. Quando isso ocorre é importante apresentar a ela o que é certo e o que é errado, para que possam construir valores morais, os quais serão necessários para o seu convívio em sociedade.

A indisciplina seria, talvez, o inimigo número um do educador atual, cujo manejo as correntes teóricas não conseguiriam propor de imediato, uma vez que se trata de algo que ultrapasse o âmbito estritamente didático-pedagógico, imprevisto ou até insuspeito no ideário das diferentes teorias pedagógicas (AQUINO, 1996, p. 40).

Cabe também a instituição de ensino exercer a sua função, estabelecer regras e normas para serem obedecidas dentro de todo o âmbito escolar. A criança sabe quando não cumpre uma regra, por isso, ao desobedecê-la, tende a olhar para os lados para perceber os olhares sobre ela. Por isso, é importante que haja uma autoridade que avalie o comportamento dela. Quando o limite é cobrado com afeto, a criança aprende mais facilmente.

“O que devemos entender é que nenhum aluno nasce indisciplinado; ele se torna indisciplinado em determinadas situações, dependendo do sentido da indisciplina para ele naquele momento, com vários fatores que possam levá-lo a agir dessa forma” (VERGÉS E SANA 2009, p. 35).

Considera-se que o aluno que pergunta e se movimenta, não pode ser considerado indisciplinado, são atitudes que o leva a aprendizagem, o que o difere de um aluno que não tem limites, que apresenta atitudes pautadas no desrespeito, este sim é um aluno indisciplinado.

Buscamos a conscientização da comunidade educativa em torno de um novo sentido da indisciplina. Como se dá essa conscientização? Pela dialética: Ação-reflexão-ação. Temos, pois, que partir da realidade, refletir sobre ela, de forma a despertar o desejo, a vontade política, o compromisso de se construir algo diferente, buscar junto o que seria isto e colocar em prática, voltar a sentar em conjunto, refletir sobre a prática, etc. Precisamos, portanto de uma teoria que ajude a analisar a realidade (VASCONCELLOS, 2004, p. 19).

Aquino Vygotsky (1996, p. 94) “chama a atenção para o importante papel mediador exercido por outras pessoas nos processos de formação dos conhecimentos, habilidades de raciocínio e procedimentos comportamentais de cada sujeito”.

Para ajudar amenizar a indisciplina na escola, é importante estabelecer algumas normas, porém vale ressaltar que nem todos os alunos concordarão e seguirão as regras estabelecidas, mas é preciso insistir para que o resultado apareça, nem sempre ele será imediato.

São imprescindíveis, portanto, algumas normas que sirvam de ponto de referência e ajudem a conseguir um ambiente sereno de trabalho, ordem e colaboração; um referencial geralmente aceito, que determina o limite que a liberdade dos outros impõe à nossa própria liberdade. Para que estas normas sejam eficazes, é necessário que sejam poucas e coerentes com o processo educativo; que estejam formuladas e justificadas com clareza e sensatez; que sejam conhecidas e aceitas por todos: pais, professores e alunos e que seu cumprimento seja exigido (ARAUJO e MOREIRA, 2006, p.3-4).

De acordo com as leituras realizadas na obra de Jean Piaget (1994), percebe-se que o desenvolvimento do juízo moral, constitui três fases, sendo, a primeira fase chamada de anomia (0 a 5/6 anos), que é a fase da educação infantil, a criança “não tem consciência das regras e o seu agir é direcionado para a

satisfação de impulsos motores ou de suas fantasias, estando ausente a preocupação com regras e com as atividades em grupo. Durante a anomia, a criança está sob um egocentrismo total, de maneira que, a única coisa realmente importante para ela, é ela mesma.

Segundo a leitura realizada em Aquino (1996), percebe-se a indisciplina escolar não é algo estático. Está relacionada a um conjunto de valores variáveis que mudam no decorrer da história, nas mais diferentes culturas e classes sociais.

A criança vai se apropriando das normas e valores sociais, aos poucos, não é um processo imediato. Este processo será construído durante a fase infantil, por isso, auxiliar, conversar com a criança na fase da Educação Infantil pode ser o melhor caminho para que situações de indisciplina não perdurem por os demais anos de escolarização.

2 A FORMAÇÃO DO EDUCADOR INFANTIL

A formação que o educador recebe nas universidades nem sempre o prepara para os encaixos que a sala de aula irá propiciar, pois aprende a teoria e esta se torna difícil quando precisa ser transformada em prática. Por isso, o educador precisa pensar permanentemente em sua prática pedagógica e em cursos que o proponham uma formação continuada que irá auxiliá-lo nesta prática. Mizukami (1986) tecia uma crítica em relação à formação de professores, dizendo que o que se aprendia, nada tinha a ver com a prática pedagógica e com a sua posição frente ao fenômeno educacional, como podemos perceber:

Um curso de professores deveria possibilitar confronto entre abordagens, quaisquer que fossem elas, entre seus pressupostos e implicações, limites, pontos de contraste e convergência. Ao mesmo tempo, deveria possibilitar ao futuro professor a análise do próprio fazer pedagógico, de suas implicações, pressupostos e determinantes, no sentido de que ele se conscientizasse de sua ação, para que pudesse, além de interpretá-la e contextualizá-la, superá-la constantemente (MIZUKAMI, 1986, p. 109).

Segundo Wallon (1968), a formação psicológica dos professores não pode ficar limitada aos livros, mas estar em formação perpétua das práticas e nas experiências pedagógicas que realizam no dia a dia.

“O educador desde sua formação se convença definitivamente de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar a possibilidade para sua produção ou a sua construção” (FREIRE, 1996, p. 25). Ser professor não basta tomar certo conteúdo, preparar-se para ensiná-lo, ir para uma sala de aula e tomar conta dos alunos. A atividade de docência não pode tornar uma rotina. Exige-se do professor uma preparação adequada para a docência, porém para que se efetive o processo ensino-aprendizagem, necessita mais que isso.

É na fala do educador, no ensinar (intervir, devolver, encaminhar), expressão do seu desejo, casado com o desejo que foi lido, compreendido pelo educando, que ele tece seu ensinar. Ensinar e aprender são movidos pelo desejo e pela paixão (FREIRE, 1992, p.11).

As condições para o educador desenvolver o seu trabalho nem sempre são as esperadas e as desejadas. “O sistema educativo nem sempre corresponde às necessidades dos alunos e alunas, especialmente, os menos favorecidos, por mais incrível que pareça” (SERPA, 1997, p.1).

A postura do educador, sempre deve ser mantida, o aluno aprende com aquilo que o educador ensina, mas aprende também aprende através das suas atitudes. “[...] daí, então, que uma de minhas preocupações centrais deva ser a de procurar a aproximação cada vez maior entre o que digo e o que faço entre o que pareço ser e o que realmente estou sendo” (FREIRE 1996, p.108).

Também para haver uma boa convivência entre professor e aluno é preciso haver diálogo. Esse é o primeiro passo para se estabelecer laço de confiança. “O diálogo é um encontro no qual a reflexão e a ação, são quesitos inseparáveis daqueles que dialogam, orienta-se para o mundo que é preciso transformar e humanizar” (FREIRE, 1980, p.23). Para o estudioso, o professor é peça fundamental no processo educacional, pelo papel que ele representa diante do aluno, como educador e transmissor de conhecimentos, porém nem sempre lhe é dado condições necessárias para realizar o seu trabalho. Não são estimulados a manifestar seus pontos de vista e a participar de decisões relativas à vida escolar.

O autoritarismo se manifesta em instância superior e se reforça na sala de aula. E para o processo ensino-aprendizagem, o autoritarismo pode se manifestar de forma negativa prejudicando o aprendizado do aluno. O professor pode dar ao aluno liberdade suficiente para expressar suas opiniões, porém precisa exercer sua autoridade, no momento em que necessitar. Autoritarismo e permissividade devem ser moderados, na medida e no momento certo. Quando há equilíbrio entre autoritarismo e liberdade, o aluno se mostrará motivado para aprender, se interessará mais pelo o que está fazendo, se dedicará mais, terá mais confiança em si e assim alcançará seus objetivos, proporcionando-lhe satisfação pessoal.

3 AS ATITUDES DO EDUCADOR INFANTIL E DA FAMÍLIA NAS SITUAÇÕES DE INDISCIPLINA

A relação afetiva entre a pessoa adulta e a criança é que sustenta a etapa inicial do processo de aprendizagem. Através do vínculo afetivo nos anos iniciais, é que a criança internaliza o mundo simbólico e para ela torna se fundamental o vínculo afetivo que estabelece com o pai e a mãe. E estes vínculos vão se ampliando quando surge o professor na educação infantil. Baseado em Piaget, (1980), podemos dizer que se o papel da escola é de promover a construção de determinados conhecimentos, é preciso que ela propicie interações onde os alunos participem das mais atividades variadas.

A criança ao entrar na escola, precisa ser muito bem recebida, pois está iniciando uma nova experiência em sua vida. Se a criança for tratada com autoritarismo por parte da professora poderá causar desinteresse e desmotivação para aprender. Pois a criança associará o conteúdo à pessoa que ensina e reagirá de forma negativa, podendo apresentar atitudes indisciplinadas.

Wallon defende o caráter contagioso das emoções. “A emoção necessita suscitar reações similares ou recíprocas em outrem e, [...] possui sobre o outro um grande poder de contágio” (1971, p.91). Pode-se dizer que o professor contagia e é contagiado, cabendo a ele refletir sobre suas práticas educativas, de modo que venham favorecer a vida escolar dos alunos, como um agente transformador da realidade, afinal a escola recebe crianças que apresentam baixa estima, tristeza, dificuldades de aprendizagem e até mesmo dificuldade em relacionar com o professor e colegas. Muitas vezes essas crianças são taxadas como indisciplinadas

ou sem educação. Este não é caminho, é preciso procurar saber as reais condições que a deixaram assim, é preciso tocá-las, mostrar-lhe afeto e dar-lhe carinho. Atitudes simples que podem mudar toda a sua trajetória dentro da escola. A atitude mais comum e equivocada é o aluno ser colocado para fora da sala de aula e os comentários sobre estes alunos é assunto na sala dos professores durante o intervalo.

Segundo Wallon (1968) faz-se necessário considerar a pessoa como um todo. Afetividade, emoções, movimento e espaço físico são essenciais. As atividades pedagógicas devem ser trabalhadas de várias formas. Mais do que trabalhar apenas conteúdos, é preciso ajudar a criança a se descobrir, a viver em sintonia com o meio. Nesse processo escolar, a participação dos pais é fundamental, não basta apenas mandar que eles estudem, eles precisam dar suporte suficiente para que eles se desenvolvam. Também é muito importante haver interação entre escola e família. Não deve haver discordância entre ambas. Elas precisam ter a mesma meta em um relacionamento pautado no diálogo.

Os pais cada vez mais têm se afastado da educação de seus filhos, não tem cumprido o seu papel primário de educar, de ensinar atividades cotidianas, de implantar valores, criar situações de demonstrações de afeto e de amor.

Muitas das funções educacionais da família vêm sendo delegadas à escola, devido às alterações que ocorrem em nossa sociedade. O trabalho da mulher fora do lar, deixando a educação dos filhos bem antes dos 7 anos a cargo da escola, foi o fator decisivo de uma sobrecarga de responsabilidade para o professor (JOSÉ E COELHO 1991, p. 210).

Vale ressaltar que a família deve cumprir o seu papel, assim como a escola deve fazer a sua parte, para ambas, fazerem o melhor pela criança.

As crianças passam o dia todo sozinhas, em casa ou na rua. E os pais responsáveis transferem para a escola toda, ou quase toda, a responsabilidade da educação de seus filhos: estabelecer limites e desenvolver hábitos básicos. Fica a cargo do professor ensinar às crianças desde amarrar os sapatos, dar iniciação religiosa até colocar limites que já deveriam vir esclarecidos de casa (OLIVEIRA 2005, p. 51).

A mãe do aluno 01⁵ foi chamada no C.M.E.I. para uma conversa sobre o comportamento apresentado pela criança, porém a conversa não teve resultado, apenas a mãe descreveu o ambiente familiar, dizendo que moravam, ela, o aluno e o padrasto. E disse que a criança não apresentava as atitudes em casa. O comportamento agressivo do aluno continuou, novamente a mãe fora chamada para uma conversa, desta vez com a psicóloga, a qual também não apresentou sucesso na mudança de comportamento da criança. Uma nova reunião foi marcada, desta vez com a mãe, o padrasto, a equipe pedagógica do C.M.E.I., a supervisora da secretaria da educação, a psicóloga e uma conselheira tutelar. Na conversa, ficou decidido que a mãe o levaria para o C.M.E.I. somente no período da tarde e de manhã, ele ficaria com ela, uma vez que ela trabalhava no período noturno, para que esta criança pudesse conviver com a mãe, uma vez que se encontrava afastado e que o comportamento da criança pudesse estar ocorrendo por falta de afetividade. E ainda foi solicitado que a mãe o levasse a um neuropediatra, pelo fato de se auto-agredir. Ainda de acordo com o relatório, a mãe dias depois chegou até a escola, com os exames que a criança havia feito, os quais apontavam um desvio de conduta e que a mesma necessitava de medicamento de uso contínuo.

Não constam relatórios posteriores ao supracitado, foram encontradas somente as fichas semestrais normais das atividades pedagógicas, nas quais constam observações que o aluno passou a apresentar bom comportamento, a realizar todas as atividades pedagógicas e lúdicas e interagir bem com a educadora e com os colegas.

Com estes relatos foi possível perceber que se existir uma parceria entre a família e a escola, desde quando a criança entrar na escola será de grande valia, pois a criança que apresentar problemas poderão superá-los ao perceber que todos querem o seu bem.

⁵ Documentos do C.M.E.I. aluno 01

4 O PAPEL DO COORDENADOR PEDAGÓGICO FRENTE AS SITUAÇÕES DE INDISCIPLINA

É de grande valia a aproximação entre pedagogos e professores para que possam tomar as providências necessárias que visem amenizar o problema da indisciplina existente na sala de aula. Sobre a função do coordenador pedagógico:

Não é fiscal de professor, não é dedo-duro (que entrega os professores para a direção ou mantenedora), não é pombo-correio (que leva recado da direção para os professores e dos professores para a direção), não é coringa/tarefeiro/quebra-galho/salva-vidas (ajudante de direção, auxiliar de secretaria, enfermeiro, assistente social, etc.), não é tapa buraco (que fica 'toureando' os alunos em sala de aula no caso de falta de professor) não é burocrata (que fica às voltas com relatórios mais relatórios, gráficos, estatísticas sem sentido mandando um monte de papéis para os professores preencherem – escola de 'papel'), não é gabinete (que está longe da prática e dos desafios efetivos dos educadores), não é dicário (que tem dicas e soluções para todos os problemas, uma espécie de fonte inesgotável de técnicas, receitas) não é generalista (que entende quase nada de quase tudo). (VASCONCELLOS, 2002, p. 86).

O pedagogo pode planejar as suas ações, para que junto com os docentes possa estabelecer momentos de reflexão sobre o assunto, primeiro conceituando o que seria indisciplina investigar as suas causas, como: a questão familiar, o autoritarismo, as atitudes permissivas e a metodologia utilizada em sala de aula, uma vez que estes são os fatores já apresentados que causam a questão em pauta. É preciso ter diálogo constante com a família. “Os professores dizem que os responsáveis pela indisciplina em sala são os pais (que não dão limites), que culpam os professores (que não são competentes) e a escola (que não tem pulso firme), que culpa o sistema (que não dá condições), etc.” (VASCONCELLOS, 2004, p. 66).

A atuação do Pedagogo junto aos docentes é importante na tentativa de superação desse embate, sendo que a função do coordenador pedagógico é a condução dos sujeitos da escola a um crescimento pedagógico constante, ele é peça importante na resolução das problemáticas que surgem no ambiente escolar. O fato de não estar envolvido diretamente na situação, lhe permite ter uma visão do todo, o que lhe dá condições de desenvolver um trabalho efetivo.

Na escola é imprescindível haver a formação continuada, onde os profissionais da instituição terão momentos para dialogar, a refletir e avaliar o seu trabalho, a sua conduta e a sua prática. O trabalho conjunto entre coordenação pedagógica e professor:

Tem havido uma certa confusão em relação ao trabalho do professor: como se constatou que é muito complexo, começou-se a repartir com outros profissionais, ao invés destes profissionais (orientadores, supervisores etc.) estarem trabalhando junto ao professor para melhor capacitá-lo, já que ao nosso ver, é ele quem deve enfrentar os conflitos e não cair no jogo dos “encaminhamentos”. O espaço da reunião é privilegiado para esta interação entre os profissionais (VASCONCELLOS, 2004, p.76).

De acordo Aquino (1996), se a escola se colocar alheia à discussão de um problema que ocorre na mesma, a palavra de ordem se direcionará ao encaminhamento do aluno a outras instâncias. Portanto, o coordenador pedagógico deve instaurar na escola um trabalho coletivo, possibilitando ações de parceria, movida pela necessidade de atingir a meta, sanando o problema comum, que no caso seria a indisciplina. O coordenador pedagógico não deve assumir toda a responsabilidade de resolver o problema da indisciplina sozinho, o mais viável é o trabalho coletivo, possibilitando administrar os conflitos, os quais conduzirão o crescimento do grupo e do processo educativo resultando em um aprendizado para todos os envolvidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A criança ao chegar à escola traz o comportamento do seu ambiente familiar, sendo ele negativo ou positivo. Isso quer dizer que, traz atitudes de respeito, obediência e boa convivência, assim como pode trazer o oposto, situações de birra, choro, agressividade e obediência. A criança não nasce indisciplinada, porém poderá torna-la com o meio em que está inserida, através da maneira como que os pais irão educá-la.

A pesquisa empírica comprova o que os autores dizem, que a indisciplina pode ser um momento em que a criança quer mostrar que algo não vai bem, como o caso do aluno 1, o qual foi solucionado, porque a família acatou o que foi proposto.

O caso do aluno 2, mostra a desestrutura familiar, o desinteresse dos pais pelo bem da criança, um jogando a culpa no outro.

Há diferentes maneiras de criar os filhos. Existem famílias que os educam no método rígido, ensinando-os o que é certo ou errado, prezando pelo respeito para com as pessoas do núcleo familiar e também as demais que farão parte do seu cotidiano. Além de também respeitarem seus filhos.

A proteção da família sobre os filhos, reforça birras, choros, manhas, resultando em crianças que mandam, são crianças criadas sem limites, não controlam seus impulsos. Estes comportamentos podem ser percebidos no início da educação infantil.

Porém, é relevante saber o que é indisciplina, afinal que a criança que levanta, que anda pela sala, nem sempre é indisciplinada. Indisciplina é quando as atitudes vão além daquilo que é aceitável dentro da sala de aula, ou seja, aquilo que atrapalha o bom andamento do trabalho, que fere as regras estabelecidas pela escola, aquilo que agride os colegas e o professor.

O professor, nem sempre sabe como lidar com estas situações. A formação que recebeu não fora suficiente para agir nestas circunstâncias. Por isso a intervenção do coordenador é muito importante. Ele deve oportunizar momentos de diálogo, de discussão e reflexão para que juntos possam encontrar saída para o problema.

A interação entre a escola e família é importante para que sejam construídas estratégias para amenizar os índices de indisciplina na escola, afinal tanto no âmbito escolar, como no âmbito familiar, o respeito, o diálogo e a boa convivência são essenciais.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Julio Groppa . **Indisciplina na Escola Alternativas Teóricas e Práticas**. São Paulo, Summus, 1996.

_____. **Indisciplina o Contraponto das escolas democráticas**; São Paulo: Moderna, 2003.

_____. **A Indisciplina e a Escola Atual**. Rev Fac. Educ. Vol.24 n.2 São Paulo July/Dec.1998. 14 p. Disponível em: <www.scielo.br>. Acesso em: abr. 2004.

- BORGES, Célio José. **Educação Física para o pré-escolar**. Rio de Janeiro: Sprint, 1987.
- BUENO, Francisco da Silveira. **Dicionário Escolar da Língua Portuguesa**. MEC. Rio de Janeiro. 1984.
- DAMKE, Anderléia Sotoriva. **Indisciplina escolar: percepção social dos professores**. Caxambu, MG, 2006.
- DEMO, Pedro. **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2000.
- FELIPE, Jane. **A Questão dos Limites na Educação Infantil**. Pátio: Educação Infantil, Porto Alegre, v. 2, n. 4, p. 29-31, abr./jul. 2004.
- FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- _____. **Pedagogia da esperança: Um reencontro com a Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1992.
- _____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- _____. **Educação como prática da liberdade**. - 29ªed. -São Paulo: Paz e terra, 2006.
- FREITAS, Eduardo. **Indisciplina Escolar, um grande problema da educação**. Equipe Brasil Escola, 2007.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Técnicas de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas S. A., 1999.
- _____. **Metodologia científica**. 4ª. Ed. Revista e ampliada. São Paulo. Atlas, 2006.
- PIAGET, Jean. **O homem e as suas ideias**. Rio de Janeiro: Forense, 1980.
- _____. **O juízo moral na criança**. 4. ed. São Paulo: Summus, 1994.
- MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **Ensino: as abordagens do processo**. São Paulo: EPU, 1986.
- OLIVEIRA, Maria Izete. **Indisciplina escolar: determinações, conseqüências e ações** Brasília: Líber livro, 2005
- ORSI, Maria Julia Scicchitano. **Reflexos da contemporaneidade na aprendizagem escolar**. In: Encontro Paranaense de Psicopedagogia, 2003. Disponível em: <http://www.abpp.com.br>_ Acesso em: 10/04/2014.
- SANTOS, M. Guerra. **Entre Bastidores: O lado oculto da organização da escola**. Porto: Asa, 2002.

SERPA, Caetano Valadão e SERPA, Maria de Lourdes B. **Resenha: Pedagogia da Autonomia**. 01 julho de 2002. Disponível em: <http://www.paulofreire.ufpb.br/> Acesso: 15/04/2014.

TIBA, Içami. **Disciplina, limite na Medida Certa**, Ed. Gente, 69ª. ed, 1996.

TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. **Metodologia de Pesquisa**. Curitiba. IESDE- Brasil S.A., 2010.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Coordenação do trabalho pedagógico: do projeto político-pedagógico ao cotidiano da sala de aula**. (Subsídios Pedagógicos do Libertad). São Paulo: Libertad, 2002.

_____. Celso dos Santos. **(In) Disciplina: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola**. São Paulo: Libertad Editora, 2004.

_____. Celso dos Santos. **Os desafios da indisciplina em sala de aula e na escola**. Disponível em: [HTTP:// WWW.sinterroraima.com.br](HTTP://WWW.sinterroraima.com.br). Acesso em 14/04/2014.

VERGÉS, Maritza Rolim de Moura; SANA, Marli Aparecida. **Limites e Indisciplina na Educação Infantil**. 2. ed. Campinas: Alínea, 2009.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

WALLON, Henri. **A evolução Psicológica da Criança**. Lisboa: Edições 70. 1968.

_____. **As origens do caráter da criança**. São Paulo: Difusão Europeia do livro. 1971.